



## MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso<sup>1</sup>  
Márcia Alves<sup>2</sup>

### Resumo

Este estudo faz uma reflexão sobre a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. O embasamento da pesquisa se dá na perspectiva feminista, utilizamos história de vida como método para compreender as relações humanas e as marcas dos processos que permite nos constituir como pessoas numa articulação de sentidos entre o individual e o coletivo. Concluímos que o feminismo agrega outras pautas importantes para uma sociedade equânime, como por exemplo, classe social, raça, idade entre outras.

**Palavras-chave:** Feminismo. Militância. Narrativas.

### Considerações Iniciais

Esse estudo apresenta uma reflexão sobre a narrativa de uma militante de esquerda dando ênfase principalmente nas experiências e acontecimentos da militância política voltada aos direitos das mulheres. As perguntas são muitas, mas tentaremos pensar neste espaço tempo sobre como Maria se constituiu militante feminista, e como subverteu a cultura patriarcal presente nas instituições, familiares, escolares, universitária, nos partidos políticos entre outros espaços, para lutar por uma transformação social.


A narrativa analisada faz parte de um recorte de uma pesquisa intitulada “Representações de gênero de mulheres idosas: memórias de formação, aprendizagens e (auto) biografias”, que tem como intenção resgatar as memórias de mulheres que construíram o movimento feminista na cidade de Pelotas/RS, dando visibilidade as suas trajetórias de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma, marcaram sua época e fizeram e fazem história do movimento feminista.

O embasamento da pesquisa se dá na perspectiva feminista, utilizamos história de vida como método para compreender as relações humanas e as marcas dos processos que permite

1 Doutoranda em Educação, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, [adrianalessacardoso@gmail.com](mailto:adrianalessacardoso@gmail.com)

2 Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, [profa.marciaalves@gmail.com](mailto:profa.marciaalves@gmail.com)





nos constituir como pessoas numa articulação de sentidos entre o individual e o coletivo. A percepção de si no mundo pode produzir novas formas de compreensão e transformação das práticas cotidianas. Ao estudar as trajetórias de mulheres feministas, a partir da narrativa de suas memórias, podemos produzir conexões a fim de compreender o cotidiano no espaço-tempo de suas ações.

Para este artigo selecionamos a narrativa de Maria, nome fictício para preservar a identidade e dar mais liberdade de expressão, visto que é uma história de vida, e, portanto, se expressa um cruzamento entre privado e público, ou seja, a vida pessoal e o que a pessoa entende como possível de expor publicamente. Maria faz parte deste projeto, por ser uma mulher com visível atuação militante, tanto nos espaços universitários, como pela sua participação no Conselho Municipal da Mulher – no município de Pelotas/RS. Ainda sobre os procedimentos metodológicos, é importante destacar que a seleção desta narrativa tem uma intencionalidade política, visto que Maria trouxe um relato com bastante ênfase das mudanças de comportamento de uma época, onde se tinha um fortalecimento do movimento feminista na Europa e Estados Unidos, já no Brasil tínhamos em evidência o conservadorismo da ditadura militar, e foi neste contexto que Maria começou sua militância no movimento estudantil.

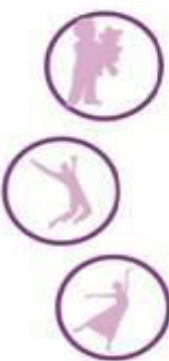
### **Concepção teórica e conceitual**

Escrever sobre feminismo é assumir um desafio, visto que sua história é vasta e complexa. Podemos afirmar que desde a chamada primeira ondas feministas não pararam de lutar, pois já são muitas gerações reivindicando seus direitos e criando teorias para explicar o mundo pela perspectiva das mulheres. Além disso, o feminismo tanto como movimento social auto-organizado ou mesmo como teoria científica não possui definições, interpretações fechadas ou verdades absolutas, pois contribui na construção de um movimento plural.

Para Saffioti (2004), o feminismo faz um enfrentamento político para a transformação social ao questionar o status quo com temáticas consideradas tabus, como casamento, trabalho, corpo, maternidade e aborto, violência, sexualidade e desejo erótico, entre outros. Beauvoir considera que “é muito difícil a uma mulher agir como igual ao homem quando essa igualdade não está universalmente reconhecida e concretamente realizada” (BEAUVOIR, 1980, p. 322).

As mulheres passaram a ocupar o espaço público através de muita luta, contudo ainda convivemos com o binarismo público e privado, é visível que ainda não obtivemos qualidade no uso desses espaços, visto que os campos laborais aonde predominam mulheres são os mais





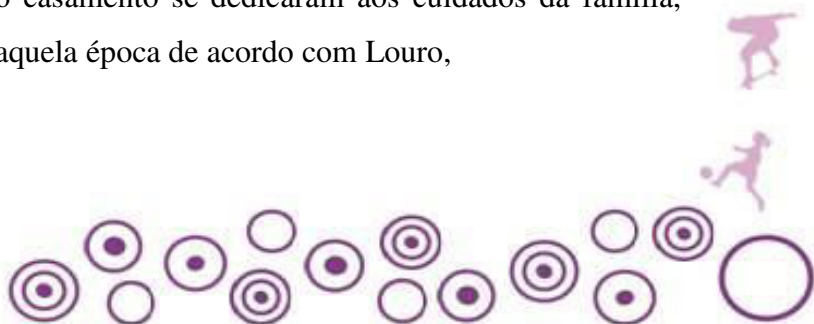
precarizados. De acordo com Harvey (2005 e 2011); Hirata (2002) e Rago (2015) a precarização atingem principalmente as mulheres devido aos estereótipos de gênero, com isso passamos a ter baixa remuneração, somos minorias em cargos de tomada de decisão, há excesso de supervisão sobre o nosso trabalho e muitas vezes sofremos preconceitos durante a qualificação profissional por parte de professores que protegem os campos de atuação masculina. Esses aspectos do trabalho agravam-se mais para as mulheres negras, indígenas, idosas, deficientes, lésbica, ou que não se identificam com os binarismos de gênero.

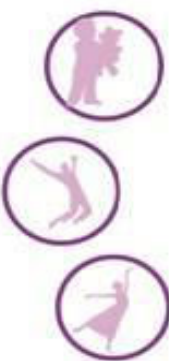
De acordo com Saffioti (2004), a estrutura de dominação patriarcal se apresenta nas instituições sociais, e às vezes nem percebemos o quanto reproduzimos em nossos discursos e atitudes essas estruturas. A autora exemplifica a dominação considerando o patriarcado como uma máquina bem azeitada que trabalha cotidianamente e nem precisa do patriarca para ser acionada. Deste modo, os comportamentos machistas, sexistas, racistas e femistas que antes não eram questionados, por possibilitarem a ordem patriarcal e heteronormativa, eram percebidos como normais; contudo, estamos cada vez mais lutando para que essas posições e comportamentos sejam revistos e abandonados.

### **Maria Mulher de luta**

Acreditamos que Maria gostaria de ser descrita em primeiro lugar como mulher militante de esquerda, feminista, professora universitária, não menos importante, mãe e esposa e, atualmente, passando pelo processo de envelhecimento. Mulher na/da luta, a militância política de esquerda acompanha sua trajetória de vida, ao pensar sobre as desigualdades e as injustiças sociais no mundo, se perguntou, “Como posso mudar essa situação?” Essa pergunta parece num primeiro momento sem importância, muitas/os se questionam, mas esse questionamento trouxe um movimento subjetivo avassalador para a vida da Maria. Ela ingressou no movimento estudantil e até hoje professora universitária busca essa resposta, entendemos que é uma pergunta com potencial, aquela que move a luta cotidiana de uma militante, pois entende que enquanto houver injustiça, fome, discriminação, preconceitos, guerras precisamos mudar, precisamos transformar o mundo.

Maria nasceu na cidade de Porto Alegre/RS, e foi educada por uma família segundo suas palavras “bem tradicional”, sua mãe e avó cursaram magistério e atuaram como professora até o casamento, logo após o casamento se dedicaram aos cuidados da família, situação comum para muitas mulheres, daquela época de acordo com Louro,





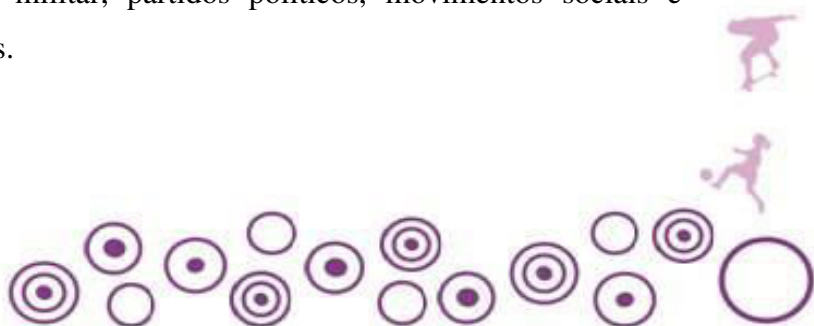
O trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não afastar da vida familiar e dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas de restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade. (LOURO, 2015, p. 483)

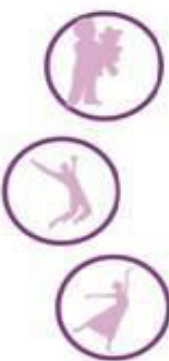
Maria trilhou um caminho diferente das mulheres de sua família e geração, ao menos quanto à profissionalização, Maria, conta que seu pai e irmãos deram força para ela cursar o científico e não o magistério como era o mais comum tanto na sua cultura familiar como também em toda a sociedade da época. Ao negar o caminho da mãe e avó, ela abre espaço de percepção que a maioria das mulheres não tinha, segundo Maria, a maior parte das suas colegas do Ensino Fundamental foram fazer magistério. Podemos considerar que nesta escolha se encontra a sensibilidade para a transformação, pois rompe com *status quo* familiar, também reafirma esse rompimento de padrão familiar o momento que Maria conta sobre o avô, dizendo que ele era contra os comunistas, ela ri e afirma que para ela a transformação só será possível através do comunismo.

Em 1973 foi o ano que ela entrou para a Faculdade de Arquitetura, mais uma vez rompe com os padrões sociais da época, pois decide morar com amigos/as da universidade, de acordo com Maria, hoje é comum, mas naquele tempo não era muito comum, pois a maioria das mulheres saía da casa dos pais para casar e não em busca de independência econômica e social.

É, eu me lembro de que eu sai de casa, eu sai de casa exatamente porque eu não pensava em casar né, então eu não queria ter aquela coisa de só sair de casa para casar, quando eu fui para arquitetura a gente tinha os grupos da arquitetura e tal a gente começava a trabalhar junto no escritório os colegas e aquela vida assim de escritório todo mundo trabalhando junto começou da gente pensar, então vamos morar junto e tal, então a gente fez um grupo né e alugou uma casa, um apartamento e aí [...](MARIA, 2018).

Neste mesmo período que foi morar sozinha e cursava arquitetura, conheceu o professor progressista, que impulsionou seu desejo de conhecer mais sobre os movimentos estudantis na época, é importante destacar o contexto histórico brasileiro, por volta dos anos de 1970, vivíamos em plena ditadura militar, partidos políticos, movimentos sociais e estudantis eram considerados subversivos.





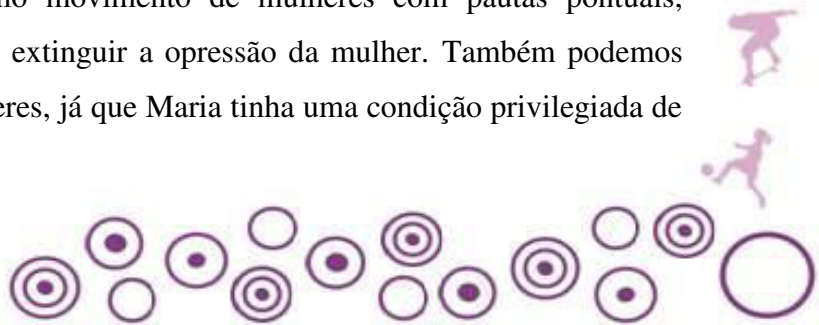
Setenta e quatro ainda estava tendo muito assassinato político e tudo, até setenta e seis setenta e sete a gente tem os crimes políticos e, então eu comecei assim a ter simpatia pelo movimento de esquerda [...] e no fim eu optei pelo caminho da esquerda, que aí comecei a ir nas manifestações e tal (MARIA, 2018).

Desse modo, levantou a bandeira vermelha comunista, anticapitalista e pelos direitos dos trabalhadores, segundo Maria, demorou a perceber que existia desigualdade de gênero, a voz da maioria das mulheres não era ouvida, e não tinha uma luta específica feminista, neste período muitos/as brasileiros/as lutavam pela redemocratização do país, a liberdade intelectual, de expressão e a luta de classe era a pauta mais importante daquele momento. “O país viveu nesses anos uma experiência muito próxima ao totalitarismo. O espaço da política ficou reduzido a uma farsa, a censura extrapolou a questão política e chegaram com muita força às questões morais, e de costumes” (PINTO, 2003, p. 43).


Ao mesmo tempo em que se vivia uma grande repressão, também tínhamos a resistência, o movimento feminista começou a ganhar força, não só no Brasil, mas mundialmente. Para Maria o feminismo aconteceu vinculado à luta geral estudantil e sindical, primeiramente como movimento de mulheres, que lutava contra a carestia da época.

[...] o movimento de mulheres na época ele era um movimento vinculado à luta geral, por exemplo, dentro do MDB jovem que era mais progressista “juntar as mulheres da vila” para “lutar junto contra a carestia”, “chamar mais mulheres para lutar contra a ditadura” então, não era o movimento feminista. O movimento ele não tinha pauta feminista, aí começou a aparecer grupos como os que têm hoje, vamos supor assim, que levantava a questão específica que era de gênero, mas não se falava em gênero na época, porque aí discutia tudo isso que eu não discutia organicamente, tu podia discutir com a amiga, vou casar, mas isso não aparecia na universidade porque na universidade tinha uma ilusão que hoje as meninas não têm, de que nós não tínhamos, que não havia preconceito contra a mulher, não vou casar, vou ter filho não vou ter filho, nós tinha uma ilusão que nós estávamos em de igualdade aos homens, porque nós entrávamos na universidade. Muitas estávamos no curso de engenharia, medicina e tal arquitetura num curso meio a meio e tal, então a gente achava que estava tudo igual, hoje nós somos capaz, os namorados tudo machista, mas a gente não achava que aquilo ali fosse machismo, então começou a surgir os grupos feministas que só lutavam pelos direitos feministas (MARIA, 2018).

Essa narrativa de Maria corrobora a ideia de Pinto (2003, p.43), sobre o movimento feminista no Brasil, de se iniciar como movimento de mulheres com pautas pontuais, diferentemente do feminismo que busca extinguir a opressão da mulher. Também podemos pensar sobre as diferenças entre as mulheres, já que Maria tinha uma condição privilegiada de







estar na universidade, pouco pensava que outras mulheres não tinham esse direito garantido, ainda que se ocupasse de outras formas de inclusão.

### Considerações finais

O processo de entrevista narrativa nos levou a uma pessoa concreta, e não uma entidade chamada feminismo, as narrativas mostraram não só um discurso, mas uma trajetória de vida que vai além de uma visão linear do mundo. Maria iniciou sua militância no movimento estudantil universitário, subverte a lógica patriarcal e capitalista forjando uma identidade pessoal e profissional, por isso, ela se apresenta primeiramente como militante de esquerda, pois é sua visão de mundo, enquanto houver desigualdade haverá luta.

Ao analisar as narrativas podemos inferir que Maria não traz um discurso explicitamente feminista num primeiro momento e faz isso conscientemente, pois entende que naquele período histórico em que começou a militar as pautas eram outras. Contudo, sua vida estava reagindo às pautas feministas, como uma mulher jovem de classe média, teve acesso a muitas saberes e, portanto, subverteu no seu cotidiano e quebrou vários tabus, por exemplo, escolheu seguir sua formação em um curso que não tem as ditas características de mulher; também saiu da casa dos pais não para casar como ocorria predominantemente com as mulheres daquela época, mas ao contrário saiu da casa dos pais em busca de autonomia econômica e social, entre outras decisões que influenciaram uma nova percepção de mundo. Portanto, o modo de luta e resistência feminista ainda era no âmbito pessoal, de modo que abriu muitas portas, pois hoje as decisões de Maria estão naturalizadas nas nossas vidas.

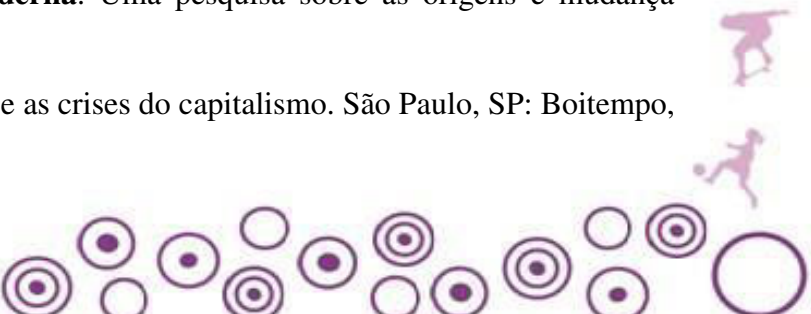
Por fim, o que aprendemos com a narrativa da Maria é que os feminismos precisam estar coadunados com outras tantas lutas, mesmo que isso pareça mais um ônus, mas as desigualdades raciais, de classe e idade, são alguns exemplos que perpassa a condição de ser mulher. E que o feminismo é uma realidade visível e que são muitas as mulheres que lutam diariamente.

### Referência

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens e mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2005.

HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.





HIRATA, Helena. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

LOURO, Guacira. **Mulheres na Sala de aula.** In: Del Priori, Mary (org). História das mulheres no Brasil. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

PINTO, Céli Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Ed. Perseu Abramo. 2003.

RAGO. Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade.** In: Del Priori, Mary (org). História das mulheres no Brasil. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

SAFFIOTI. Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

